

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 12



SANTIAGO DE COMPOSTELA
2009

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos directivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Directivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceites pelo Conselho Directivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Directivo

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.^a Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra
cristinacordeiro@hotmail.com

2.^a Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS; FAPA; CNPQ
regina.zilberman@gmail.com

Secretária-Geral: M. Carmen Villarino Pardo
carmen.villarino@usc.es

Vogais: Anna Maria Kalewska (Univ. de Varsóvia); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Claudius Armbruster (Univ. Colónia); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Mirella Márcia Longo Vieira de Lima (Univ. Federal da Bahia); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense).

Associe-se pela *homepage* da

AIL: www.lusitanistasail.net

Informações pelos *e-mails*:

ailusit@ci.uc.pt

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 12 – Dezembro de 2009

Diretor:

Elias J. Torres Feijó

Diretora Executiva:

Raquel Bello Vázquez

Conselho Redatorial:

Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. Por inerência: Anna Maria Kalewska, Benjamin Abdala Junior, Claudius Armbruster, Cristina Robalo Cordeiro, Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Helena Rebelo, Isabel Pires de Lima, Laura Cavalcante Padilha, M. Carmen Villarino Pardo, Mirella Márcia Longo Vieira de Lima, Onésimo Teotónio de Almeida, Petar Petrov, Regina Zilberman, Sebastião Tavares de Pinho, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Endereço eletrónico: revista.veredas@gmail.com

Realização:

Revisão: Laura Blanco de la Barrera
Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Unidixital, Santiago de Compostela, Galiza
ISSN 0874-5102

AS ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES E DA
CONSELHARIA DA CULTURA DA JUNTA DA GALIZA

SUMÁRIO

NOTA DA REDAÇÃO	7
 LEONOR MARTINS COELHO Irene Lucília Andrade: regate(s) do passado para um questionamento do presente.....	9
 THIERRY PROENÇA DOS SANTOS Madeira: reflexões à margem do sistema cultural português.....	27
 MARCO LIVRAMENTO Virado do avesso ou a polifonia da verdade.....	43
 JURACY ASSMANN SARAIVA Memorial de Aires: autorreferencialidade e denúncia da utopia realista.....	67
 ROBERTO LÓPEZ-IGLESIAS SAMARTIM Critérios canonizadores num sistema literário deficitário (o caso galego para 1974-1978).....	81
 REGINA ZILBERMAN Narrativas da infidelidade em <i>Sagarana</i> , de Guimarães Rosa.....	107

NOTA DA REDAÇÃO

Tal e como foi anunciado no número anterior, a revista *Veredas* começa uma nova etapa caracterizada pela sua transformação ao suporte exclusivamente eletrônico, e também por assumir o sistema de avaliação por pares para a seleção dos trabalhos para a publicação. Isto significa que os artigos aqui recolhidos foram em todos os casos enviados pelas suas autoras e autores para serem apreciados por especialistas, e que só os 6 efetivamente publicados cumpriam os requisitos de qualidade que a revista da Associação Internacional de Lusitanistas requer.

Queremos agradecer desde a direção da revista, em primeiro lugar, a preferência que as investigadoras e investigadores responsáveis tanto dos trabalhos que agora apresentamos como dos que ficaram fora, mostraram pela nossa publicação. Igualmente, queremos agradecer o trabalho generoso de avaliadoras e avaliadores que se prestaram a colaborar com a direção da *Veredas* não apenas na aceitação ou não dos trabalhos recebidos, mas também na leitura enriquecedora dos artigos que beneficiaram em diferentes medidas dos seus informes.

Este número 12 tem um teor fundamentalmente literário, e apresenta uma alargada panorâmica das literaturas lusófonas em boa parte das suas coordenadas geográficas: de visões sobre clássicos portugueses e brasileiros até a abordagem de questões sobre identidades literárias em espaços insulares, passando pelos processos canonizadores no sistema galego ou pela análise de uma produtora absolutamente contemporânea.

A produção literária da ilha da Madeira é analisada nos artigos de Leonor Martins Coelho e de Thierry Proença dos Santos. No primeiro caso com a apresentação da obra de Irene Lucília Andrade, focando a relação que se estabelece entre passado e presente, memória e identidade em dous textos recentes desta escritora com longa trajetória desde a publicação em 1968 de *Hora Imóvel*, e presença recorrente em antologias que recolhem tanto poesia como narrativa madeirense. Proença dos Santos, por seu turno, reflete no seu trabalho sobre o

processo de elaboração de uma identidade literária madeirense e as relações desta com a literatura portuguesa em que se enquadra e com as literaturas “insulares”.

Através dum estudo de caso da literatura galega na década de 70, Roberto Samartim analisa os processos canonizadores entendidos como dinâmicos, mostrando os diferentes fatores que explicam tanto o funcionamento do sistema nesse período como a construção posterior do conhecimento sobre este.

Três dos vultos centrais das literaturas em língua portuguesa são trazidos a estas *Veredas* por meio das pesquisas de Juracy Assmann Saraiva, Regina Zilberman e Marco Livramento. No primeiro caso, a prof. Saraiva achemos uma interpretação em chave da pós-modernidade da abordagem paradoxal que Machado de Assis faz da escrita literária no seu último texto publicado –*Memorial de Aires*. A prof. Zilberman revisa as personagens femininas mais conhecidas da produção clássica do século XIX brasileiro sob a luz da dicotomia entre Helenas e Penélopes para se centrar na análise destas personagens em *Sagarana* de Guimarães Rosa. Finalmente, Marcos Livramento oferece uma nova visão do fingimento pessoano, procurando nos seus textos uma arte poética modernista que ilumine a compreensão destes.

A iminente posta em andamento do novo sítio web da Associação permitirá a partir do próximo número um contato mais direto e ágil da revista com as investigadoras e investigadores que queiram contribuir com as suas pesquisas, e dará uma nova e maior difusão aos nossos trabalhos. Confiamos em que isto contribua para a satisfação tanto das pessoas que leem *Veredas* à procura das novidades mais importantes na pesquisa em língua portuguesa sobre assuntos da produção cultural da Lusofonia, como daquelas que procuram um lugar onde publicar estas pesquisas em português e com garantias de difusão e de rigorosa avaliação.

Elias J. Torres Feijó
Diretor

Raquel Bello Vázquez
Diretora Executiva

*Irene Lucília Andrade: resgate(s) do
passado para um questionamento do
presente*

LEONOR MARTINS COELHO

Universidade da Madeira - Centro de Estudos Comparatistas da
Faculdade de Letras de Lisboa

Creemos encontrar na obra de Irene Lucília Andrade, num resgate constante de um tempo findo, a exaltação das relações afetivas que a era da globalização tende a apagar. Com efeito, a escrita desta autora nascida na ilha da Madeira tece uma crítica ao presente da cultura da ostentação, apelando, a voz do texto, à cultura pretérita do afeto.

Por razões de ordem prática, percorrer-se-á de uma forma necessariamente sumária dois textos da referida escritora: um livro de poemas e uma compilação de narrativas breves. Por um lado, *Água de Mel e Manacá* (2002), por outro, *A Penteadada ou o Fim do Caminho* (2004), uma vez que ambos os livros apelam à preservação de vivências de outrora, alicerçadas no reconhecimento de laços fraternos, por oposição a uma cultura da indiferença e do provento fácil que parece vir, paulatinamente, a caracterizar a sociedade atual.

Nessa cultura da memória que tem vindo a marcar quer a poesia, quer a narrativa, a sua produção surge como um testemunho de uma consciência crítica, nascida de um sentimento de perda da cultura da fraternidade e da humildade. A

memória do tempo pretérito não somente recupera a existência do passado como permite pensar o presente, perspetivando, ainda, o futuro desejado. Assim, o poder construtivo da recordação abre um espaço de questionamento e revelam novas convergências numa completude que se alicerce nos valores da consolidação da amizade, no reatar de laços sociais, para poder voltar, novamente, a recuperar o que foi desaparecendo ao sabor da megalomania do homem moderno.

Palavras-chave: memória, vivência, afeto, distopia, identidade.

In the work of Irene Lucília Andrade, one is believed to encounter, in a constant redemption of times gone by, the exaltation of the affective relationships that the era of globalization tends to delete. In effect, the writing of this author, born on the Island of Madeira, criticizes the present culture of ostentation and, throughout the voice of the text, calls out to the past culture of affection.

For practical reasons, two texts of the said writer will be briefly analysed: a book of poems, *Água de Mel e Manacá* (2002) and a compilation of brief narratives, *A Penteada ou O Fim do Caminho* (2004), since both books appeal to the preservation of past experiences, set in the recognition of fraternal ties, in opposition to a culture of indifference and easy gains, which seems to have gradually come to characterize today's society.

This culture of memory, which has marked both the author's poetry and narrative, emerges as testimony of a critical conscience, born of a sense of loss of the culture of fraternity and humility. The memory of times gone by, not only recovers the existence of the past, but also allows us to foresee a desired future. Thus, the constructive power of memory opens a place of questioning and reveals new convergences in a completion which is set on the values of consolidation of friendship and re-establishment of social ties, in order to once again recover what disappeared at the mercy of the megalomania of modern Man.

Key words: memories, affection, dystopia, identity.

A leitura que aqui propomos incidirá em dois livros da escritora madeirense,¹ Irene Lucília Andrade, que, embora distintos

¹ Irene Lucília Andrade publicou o seu primeiro livro de poesia, *Hora imóvel*, em 1968. Nesse género literário, deu ainda a lume: *O pé dentro de água* (1980), *Ilha que é gente* (1986), *A mão que amansa os frutos* (1991), *Estrada de um dia só* (1995), *Protesto e canto de Atena* (2002) e *Água de Mel e Manacá* (2002). No que concerne à ficção narrativa, são de referir os romances, *Angélica e a sua espécie* (1993) e *Porque me*

quanto ao seu género literário, foram plasmados no mesmo binómio ideário/imaginário, como uma variação do mesmo tema desdobrado em dois impulsos de escrita, podendo falar-se aqui de recriação da mesma obra. Com efeito, impelida pela necessidade de evocar a infância, desse «tempo mágico [que] não estagnasse na crónica, mas permanecesse habitável e circular, [com ela] no centro, para que [se] pudesse envolver fortemente na amplitude que dele [a] separa» (Andrade, 2004: 11), a escritora desenvolveu um projecto de reescrita e de prolongamento de um tema, ao retomar o universo do livro de poesia *Água de Mel e Manacá* (2002) para transferi-lo noutra género literário, o da narrativa, concretizado com o livro *A Penteada ou o Fim do Caminho* (2004).² Há, com efeito, entre ambas as obras um elo íntimo e solidário, uma assumida relação intratextual, anunciada pela “missiva” de abertura dirigida, no livro de poesia, ao João, o amigo de infância, e, no livro de narrativas, à avó paterna. Em ambos os casos há uma urgência catártica em falar do passado, uma necessidade visceral de regresso à infância para estar em sintonia «com outro tempo e outras referências», um desejo de «imersão num tempo [...] numa circunstância de comunicabilidade» (Andrade, 2004: 207).³

Esta atenção prestada ao mundo envolvente de uma voz que conjuga o lirismo memorialista com o discurso testemunhal, é traduzida por uma escrita poética e ficcional que assenta num modo

Lembrei dos Cisnes (2000); entre a crónica e a narrativa breve, lançou *A Penteada ou o Fim do Caminho* (2004), *Crónica da Cidade Anónima. À Hora do Tordo* (2008). Para mais informação sobre a autora e a sua obra, o leitor poderá consultar o número especial da revista *Margem 2*, subordinada ao tema “Irene Lucília Andrade: uma voz na margem”, Leonor Martins Coelho (coord.), Funchal: Câmara Municipal – Departamento da Cultura, 2009.

²

O livro de poesia *Água de Mel e Manacá* apresenta-se segmentado da seguinte forma: “A Cidade – 1º dia”, “O Subúrbio – 2º dia”, “O Retrato – 3º dia”, “As Águas – 4º dia”, “A Casa – 5º dia”, “O Canto – 6º dia” e “O Círculo – 7º dia”. Por sua vez, *A Penteada ou o Fim do Caminho* contém quarenta e uma narrativas breves em torno do lugar da Penteada onde se encontra, actualmente, a Universidade da Madeira e o Pólo Tecnológico, seguidas de seis textos-testemunhos de académicos, inseridos na secção final do livro intitulada “Salve-se o olhar”.

³

São afirmações da instância autoral em “Salve-se o olhar”, apenso ao livro *Penteada ou o Fim do Caminho*.

de olhar de artista –a lembrar um Cesário Verde ou um António Nobre–, fixadora de paisagens, espaços e vivências do seu meio insular. Não queremos com isto afirmar que esta autora não dialoga com o Outro, no vasto cenário de intercâmbios culturais, vivenciais e identitários que caracteriza o mundo contemporâneo. Tal como Sophia de Mello Breyner Andresen, Irene Lucília reivindica a sua cidadania num universo que se abre aos valores eternos da humanidade, valores que sabem olhar para o passado para melhor (se) situar (n)o presente.⁴

Nos livros em análise, a escrita permite a preservação de vivências de outrora, alicerçadas no reconhecimento de laços fraternos, por oposição a uma cultura da indiferença e do provento fácil que parece vir, paulatinamente, a caracterizar a sociedade atual.

Com efeito, cremos encontrar na sua obra, na recordação constante de um tempo findo, a exaltação das relações afetivas que a era da globalização tende a apagar. Nessa “cultura da memória” que tem vindo a marcar, sobretudo, as últimas publicações, a escrita da autora configura-se como um testemunho de uma “consciência crítica”, nascida de um sentimento de perda da cultura da fraternidade e da humildade, bem como uma “vontade de construção” de uma sociedade que não esquece o passado na realização do seu presente, e, de certo modo, na perspetivação do futuro.

Se a nossa vida fica conservada nos mais ínfimos detalhes das nossas lembranças, como referiu Henri Bergson, no seu ensaio *Matière et Mémoire* (Bergson, 1939: 168), se considerarmos, de igual modo, a proposta de Helena Carvalhão Buescu, para quem a memória é a «condição de transmissibilidade interpessoal e

⁴ Na sua *Crónica Breve da Cidade Anónima – À Hora do Tordo*, a voz do texto afirma: «Percebi muito cedo quanto inermes se tornam alguns obstáculos, incluindo fronteiras, quanto estulto é pensar-se ser daqui por redução de espaço, por atavismos às pedras do calhau ovaladas, cor de cinza arrefecida, ou por um cabo que monta esta baía e memoriza o voo há muito tempo estagnado de um qualquer garajau morto em viagem. Não preciso que me digam de onde sou, mas não me construam paredes à frente dos olhos nem me tirem a varanda onde ensaio ao longo da tarde uma experiência sedutora do mundo» (Andrade 2008: 16).

cultural» (Buescu, 2001: 87), a memória que armazena representações mentais do passado é, efetivamente, uma das chaves essenciais para se compreender o universo poético e o espaço ficcional de Irene Lucília Andrade. A esse respeito, Manuel Frias Martins observa:

Sempre que me instalo na prosa ou na poesia de Irene Lucília Andrade é como se estivesse a escutar um elaborado jogo de murmúrios pessoais e segredos colectivos cuja chave de compreensão parece estar constantemente a escapar por entre as fissuras das palavras mas que, paradoxalmente, me mantém localizado, enquanto leitor, numa espécie de núcleo singularmente inteligível da escrita literária (Martins, 2009: 94).

Esta autora poderá ser entendida como uma escritora da existência, da memória, da consciência crítica do tempo que passa, inexoravelmente. Não obstante, sem pessimismos radicais, é com serenidade e sabedoria que observa o mundo —o seu mundo— na sua quotidianidade. O que nos prende, efectivamente, à escrita de Irene Lucília, como é afectuosamente conhecida na Madeira, é esse olhar lúcido e transparente que se concentra no meio que a viu nascer e crescer; olhar que chega ao leitor, não através de uma escrita criadora de efeitos de sentido, mas através de um estilo sóbrio, mas denso e sem rodeios. A autora desenha na sua obra uma cartografia da relação humana e dos afectos, alheia à cartografia corporal que reivindica o espaço feminino, de que é exemplo a poesia de Maria Teresa Horta. Num desprendimento da carnalidade, Irene Lucília Andrade apega-se, sobretudo, ao saber de vidas, de testemunhos que, tal como ela, conseguem topografar vivências múltiplas.⁵

⁵ Sobre a sua propensão para resgatar harmonicamente espaços da memória, consulte-se o artigo de Ernesto Rodrigues (2009: 101-104) intitulado “A leveza da Arte em Irene Lucília”.

Em *Água de Mel e Manacá*, o poderoso lastro da memória surge, desde logo, na primeira missiva de abertura ao livro de poesia, destinada a uma pessoa com quem a entidade poética perpetua uma ligação de afeto incontestável. Nessa carta, João surgirá como “uma memória forte contra o desamparo” (Andrade 2002: 9), uma forma, não só de combater as dissonâncias do momento presente, mas também de invocar as formas e os seres do passado: «Havia a presença incisiva da infância a interferir na minha vida e precisei de denunciá-la para que não me perturbasse» (*ib.*).

Neste livro, na figuração problemática do autor, o sujeito poético insurge-se, através não só das palavras como também da força disruptiva do verso livre, contra a megalomania arrasadora dos tempos atuais, lamentando a desmedida da configuração da nova cidade do Funchal, submetida aos parâmetros da urbe moderna:

abismados no peso corporal da própria desmesura/ alguns prédios
esperam um glorioso sobressalto/ é a tua inquietação/ quem se
abeira das janelas redundantes/ decalcadas lado a lado/ num
padrão excessivo atônito e exausto (Andrade, 2002:15).

Assim, contrariando a nova arquitetura, padronizada e atônita, as múltiplas recordações do universo poético de Irene Lucília, não deixarão de se apresentar como um combate contra essa “geometria fatigada” (Andrade, 2002: 17). Ao recordar um tempo pretérito, marcado pelos diferentes modos de entreatura e de sociabilidade, o sujeito poético parece recusar o esquecimento a que é votado um património coletivo, condenado, agora, à desagregação:

é a nova veste/ das pedras da calçada/ a esconder a rudeza do
velhinho tecido// é o luxo/ que esta era recomenda/ à pureza
antiga/ que me aparava o passo// temo que possa ser obstáculo/ à
pressa do afecto/ que me instiga os olhos// temo que outras
pressas/ me estorvem/ o ritmo secular do coração (Andrade,
2002: 18).

Desta forma, as notações de lirismo pessoal são confundidas numa constatação que retoma quase a literatura como modo de testemunho. A dialética passado/presente ancora na justaposição de dois imaginários radicalmente opostos (“sabores de plástico” / “mel verdadeiro”) e resgata para o universo poético um cenário que desponta, agora, disfórico:

meninos pulsam à beira dos gelados/ e dos sabores de plástico/
devorando os sumos sintéticos das laranjas/ a negação do gosto e
do mel verdadeiro// falsa é a consumação destes prazeres/ sem
que alguém se previna/ temerária é a pose de quem/ se inicia na
voragem das navegações (Andrade, 2002: 87).

Para contrariar essa distopia dos tempos modernos, a voz do texto sugere uma (re)apreciação do passado e, desse modo, encontrar (re)novadas circunstâncias de comunicabilidade. Perante a indiferença das novas figuras que compõem a cidade indecifrável, face à estranha simetria da desolação que caracteriza a atualidade, o sujeito poético virá propor uma viagem ao passado harmonioso, à essência das coisas:

por isso uma asa ansiosa parte/ à procura das árvores/ transpõe das
sebes de cimento os perfis tortuosos/ e adensa a busca dum lugar

frondoso/ onde erigir um canto/ e uma aura de sentido pleno/ aí guardará/ o seu poder absoluto (Andrade, 2002: 17).

Compreender-se-á então que a voz do texto convida o leitor a (re)valorizar modos concretos e imaginários que o tempo apagou. É claro que não se trata aqui de defender um saudosismo *dépassé*, embora haja uma iniludível tendência para mitificar os valores positivos do passado, os ideais de pureza, para melhor denunciar o que os tempos presentes oferecem: em vez do autêntico, o artificial; em vez da justa medida das coisas, o excesso; em vez do espírito comunitário, o individualismo estéril.

Refira-se que este desejo de recuperar tempos idos, bem como a crítica à realidade do presente massificado à escala global, será o vetor essencial do seu último conjunto de poemas intitulados “Uma Nesga de Mundo” e publicado na coletânea de poesia *Ilha 5*:

Este é o tempo em que se confirma/ o verão dos trabalhos o auge dos ofícios/a precisão dos obreiros/por um ténue sussurro de areias/no emergir dos muros/o chiar duma viga no suste dos telhados/o ronco agreste do fórceps/a esventrar a montanha (...)
(Andrade Maio, 2008: 29)

Nota-se nos primeiros versos dessa composição poética presságios de um universo atual distópico onde se assiste com estupefação à desfiguração da paisagem natural, tornando-se urgente regressar ao *locus amœnus* e desta forma escutar, novamente, o entoar do canto da voz materna «debruçada na casa e no bordado» (Andrade 2002: 50), «os risos à volta da fogueira de Junho» (*ib.*: 50) e «o eco das crianças serenas» junto à ribeira (*ib.*: 55), de que se falava em *Água de Mel e Manacá*.

Trata-se de uma imperiosa vontade de se afastar da atual cidade do Funchal onde «transitam sem olhar» (Andrade 2002: 20) e, apartando-se, assim, no tempo e no espaço, a entidade poética pretende proteger-se de uma cidade onde o pitoresco tende a desaparecer a um ritmo galopante, muito embora se apresente consciente de que «o mundo é a passagem/ para outras mutações» (*ib.*: 56).

Parece, pois, existir no ato de recordar de Irene Lucília Andrade uma forte preocupação ecológica e se a «memória existe como pedra fundadora» (Buescu, 2001: 87), misto de “consciência subjectiva” e de “consciência histórica”, como nota Helena Carvalhão Buescu, as memórias da escritora são um questionamento profundo do devir de uma sociedade cada vez mais longínqua das suas raízes. O que não surpreende, visto tal esforço literário de humanização do mundo, através da recuperação do passado e pela abertura ao que se constata no presente e se adivinha para o futuro, ser recorrente em períodos de transição de um paradigma social/civilizacional. Neste sentido, é com toda a legitimidade que a autora, motivada por um forte empenho crítico, se inscreve num discurso que dá conta da intimidadora experiência de desenraizamento matricial.

Não obstante, a memória dessoutro tempo pretérito permite perspetivar uma outra realidade desejada. Assim, o poder construtivo da recordação abre um espaço de questionamento e revelam uma completude que se alicerça nos valores da consolidação da amizade, no reatar de laços sociais, para poder recuperar o que de bom havia e foi desaparecendo ao sabor da megalomania do homem moderno.

A uma imagem que se nos poderia afigurar regressiva se opõe uma outra, prospetiva, mais de acordo com o tempo presente, um tempo que deverá alicerçar-se numa sociedade configurada pela solidariedade afetiva e familiar, pelo altruísmo e, também, pelo tópico da confiança e da cumplicidade, formas múltiplas de contrariar as solidões do nossa época.

Nas narrativas de *A Penteada ou o Fim do Caminho* desenham-se cenários múltiplos, indo ao encontro do caleidoscópio humano e paisagístico que o espaço insular de um tempo pretérito congregou, reabilitando, assim, a periferia da capital da ilha. Desta periferia da cidade surge, recorrentemente, a alusão a espaços diversos tais como Água de Mel, Madalena, Caminho ou Ribeira,⁶ espaços circundantes da zona da Penteada, no Funchal. A Penteada tornar-se-á, então, espaço de celebração da memória individual, mas, ao mesmo tempo, coletiva. Por contraste, novos panoramas se refletem nos arredores da cidade luciliana e poder-se-á compreender essoutras paisagens como produto da mobilidade política, social e cultural da ilha da Madeira das últimas décadas.

A escrita de Irene Lucília Andrade situa-se na perspetiva do tempo que procura exumar e reconstruir para dar a conhecer um espaço íntimo e fundador que permite justificar o impacto dos afetos, a evocação de uma linhagem de gentes solidárias, a recordação de familiares ou amigos, como sugerido pelo texto:

Não encontrei em arquivos, o lugar de recurso quando a memória se extingue, qualquer referência ao sítio onde nasci. Vislumbrei, já não sei onde, a existência de um João Penteado, sem prova acrescida de que a toponímia tivesse dele procedido por via feminina. (Andrade, 2004: 9).

A Penteada ou o Fim do Caminho desenvolve a problemática do memorialismo num jogo entre ficção e memória.

⁶

Veja-se a descrição da Ribeira e dos seus arredores: «A Ribeira corria no fim da fazenda résvés com a terra. Mais acima a ravina vinha mais alta, mas reduzia-se ali sobre o leito e uma barra natural de penedos arrastados pela água faziam protecção às bermas defendidas pelas sebes de canas vieiras e dos respectivos rizomas a que o povo chama socas. As socas constituíam uma boa estrutura na construção de paredes e na armação da “Lapinha” pelo Natal» (Andrade 2004: 90).

Referindo-se a este livro de memórias, a autora afirmará numa entrevista cedida a um diário madeirense: «Isto é a minha adolescência. (...). Está inteirinha aqui» (Andrade, 2005: 4). A instância autoral parece esconder-se por detrás das vozes de papel, que recordam uma dimensão espaço-temporal bem definida: voltar a essa “gente pequena”, todos eles moradores da Penteada e da Achada, e trazê-los de novo à vida para revelá-los à luz da atualidade, à luz das novas mentalidades, nos centros de congregação de novas gerações: «Ergueu-se aqui [na Penteada] o Campus Universitário e o Pólo Tecnológico e projecta-se sobre ele uma zona de alto pendor urbano, nesta invasão indetível pelas leiras dentro» (Andrade, 2004: 9).

Por isso, os signos sensíveis da recordação apresentam-se como antídoto contra o sentimento de precariedade e dispersão gerados pelo desenvolvimento de configuração capitalista e tecnológica, num meio tão sensível quanto periférico. Assim, a narração vai focalizar de perto pessoas e lugares aos quais alude com indicações precisas, traduzindo tons e emoções que se perderam no tempo. O recorrente motivo do retorno ao passado deve-se a uma infância feliz: criança amada, como se pode depreender das brincadeiras de meninice no pátio da escola e na casa paterna. Revisitar esta paisagem humanizada, perdida no tempo, permitirá, de igual modo, a Irene Lucília Andrade encetar uma procura da compreensão de si mesma, constituindo o vetor ontológico e a matéria-prima do seu projecto literário de pesquisa sobre os sentidos da vida.

Deparamo-nos com recordações que a voz do texto revela ao pormenor na evocação dos lugares: a ponte de Água de Mel,⁷ «a rampa do muro da coelha» (Andrade 2004: 17), «o vale estreito entre a Madalena e o Caminho» (*ib.*: 89), «a fazenda de benfeitoria com várias culturas de canas, vinhas e bananas» da Elvirinha e Glorinha, as casas-escolas, e, talvez sobretudo, a casa paterna, «casa

⁷ «Água de Mel é o nome do ribeiro que desce, por S. Roque, das Serras da Alegria, cruza sob a ponte o caminho da Penteada e desagua na ribeira de Santo António, em frente da Madalena» (Andrade 2002: 9).

pequena como um ninho de bisbis»⁸ (*ib.*: 125), que fez as delícias da infância da autora. Um lugar com vida que o tempo degradou impiedosamente, como refere a voz poética em *Água de Mel e Manacá*:

agora as moradias velhas/vestem-se com o matagal despenteado
das lianas/e dos fetos sedentos/constroem uma teia amarela/onde
se liga o nevoeiro/respira-se o ar frio e a boca arde. (Andrade,
2002: 32).

Tal como sucedera com o livro de poesia, este conjunto de narrativas breves abre com uma missiva, endereçada, desta vez, a Eulália Beatriz de Abreu, a avó paterna da autora e que esta nunca chegou a conhecer pessoalmente. A ela se dirige, uma vez que a tem como “presença” benéfica, como sugerido no seguinte enunciado: «Sem que eu te procurasse surgiste-me de repente como se tivesses pressentido que eu precisava de ti» (Andrade, 2004: 9). Irene Lucília responde então a esse apelo profundo e intuído, através da narrativa de ficção, assumindo esse vínculo genético e consanguíneo à sua terra.

No seguimento dessa carta, surgem, então, as recordações de um passeio rotineiro, uma conversa casual, brincadeiras de meninice no Pátio Grande do Colégio. Ecoam aqui as orientações de Sœur Louise e ali as recomendações de professoras. Destacam-se outras figuras acarinhadas na memória da narradora/autora, como será o caso de Elvirinha ou de Leopoldina. Ao longo das narrativas que compõem a *Penteada ou o Fim do Caminho*, poder-se-á notar um desejo de resguardar não somente momentos e circunstâncias, objetos e pessoas num recanto da memória afetiva, como também de lhes conferir um lugar na História social e humana da ilha, de

8

Pequena ave endémica da Madeira.

modo a não serem olvidados pelo desassossego da vida dos tempos modernos, numa sociedade em constante transformação.

Os quadros vivos impressos em *A Penteada ou o Fim do Caminho* insistem permanentemente no *charme* de uma Madeira de outrora, «dos tarefeiros [que] vinham cavar os poios e cuidar da rega» (Andrade 2004: 89), «das batidas breves e secas do martelo do mestre Ramos» (*ib.*: 23), «da massa palradora de bordadeiras» a caminho da fábrica de bordados (*ib.*: 54), «dos risos e bilhardices⁹ aliviando a canseira com piadas oportunas» (*ib.*: 55).

A escrita de Irene Lucília virá opor esse mundo a um imaginário atualizado, desfigurado e caracterizado pela ausência de sentimentos, pela anulação do convívio numa sociedade estereotipada e global. De fato, ao recordar múltiplas imagens do passado, a autora,¹⁰ refugiando-se na voz da narradora, tece duras críticas à construção desenfreada que vem desfigurando a paisagem madeirense. Uma cultura da Técnica e do Progresso que não deixará de alterar o modo de convívio entre as pessoas, enclausuradas, agora, em torres de vidro, cimento e aço. A ilha vai dando lugar à mega-construção, a complexos hoteleiros e palacetes numa sociedade onde impera uma desenfreada economia de mercado.¹¹

Deparamo-nos com duas instâncias que podem parecer de difícil correlação: o passado espiritual, religioso e familiar *versus* o presente da “vertigem do betão”, da verticalidade arquitetónica e da horizontalidade do asfalto. A pacatez de outrora deu lugar à desfiguração da paisagem, ao tédio e ao esquecimento do traçado genealógico: a

⁹ Regionalismo madeirense, sinónimo de ‘coscuvilhice’.

¹⁰ Embora a escrita de Irene Lucília não respeite uma retrospectiva ordenada em função de critérios cronológicos, apresenta-se como um leque de recordações ziguezagueantes de múltiplas vivências e de vários episódios na sua vida.

¹¹ Neste sentido, é de referir a visão crítica que a escritora nos dá e que vai ao encontro da leitura distópica que José Vale Moutinho faz da ilha: «a ilha/ já não tem a própria sombra, estende/ as mãos aos barcos dos confins do mundo,/ papagaio real, quem são esses homens/ que abrem os túneis todos da ilha do ogre,/ que rasgam estradas, que te cortam as linhas/ vermelhas dos teus sonhos de felicidade, que te rasgam as páginas dos livros de verso?» (Moutinho, 2008: 141).

marcha do tempo criadora de mudança, lavrando a civilização, brutal, implacável, erguendo o orgulho da modernidade, causa daquela melancolia e susto com que os vultos de outrora foram surgindo, num sopro esparso, quando voltei a ver estes rostos mal poupados entre as últimas devastações (Andrade, 2004: 13).

O presente das múltiplas narrativas da autora espelha a cidade da “velocidade do automóvel” (Andrade, 2004: 21), das mudanças operadas, que “despojam de suas formas e rosto” os lugares de então. Em vez da máquina utilitária ser usada em «coexistência pacífica com os homens» (*ib.*: 113), a agressão, a impiedade «de alguns meios civilizadores» (*ib.*: 21) surgem desprovidos de humanidade e de bom senso.

Para combater essa distopia, irrompem do passado múltiplas corporações profissionais, nomeadamente os tanoeiros, os picheleiros, os boieiros e as lavadeiras. A escrita não deixará de convocar o Funchal do trabalho árduo, com vidas de sacrifícios, mas pacata e serena. Não é por acaso que, no início de *A Penteadada ou o Fim do Caminho*, a voz narrativa, comungando com essa “gente pequena” como se fosse um “corpo único”, e, assumindo “defender causas perdidas ou destinos ignorados”, virá mostrar “velhos muito antigos”, “homens austeros e mulheres recatadas”, “hábitos mansos” e “pacíficos costumes”. Não obstante, são quadros que o tempo apagou e que parecem ter caído no esquecimento da nova geração.

Ao certo, a vivência deste impasse, superado pelo exercício criativo da escritora madeirense, atribui à memória um estatuto fundador. Este processo não constitui apenas uma sondagem no passado conhecido, ao sabor da nostalgia, mas um apelo ao direito de todo o ser crescer rizomaticamente, processo esse ameaçado pelas transformações desregradadas da tecnocracia e da massificação. Assim, na mobilização da escrita como forma de afirmação do saber

e do ser, a escritora, no ofício de interpretação dos tempos a que se vota, estabelece um paralelismo entre distintas temporalidades, umas vividas outras pressentidas, contra o tempo acrítico do consumo pelo consumo.

Como sublinha Helena Carvalhão Buescu, «é através da actividade da memória que a fixação e a presença da identidade são produzidas» (Buescu, 2001: 87). Em *A Penteada ou o Fim do Caminho*, a memória produz imagens de tal modo sentidas que se apresenta como «uma câmara de filmar, de olhos fechados» em busca permanente do «espírito do lugar» (Santos, 2004: 214). Trata-se de um tempo humano que faz parte do passado pessoal da autora, essoutra época que confere espessura ao conhecimento que tem desse espaço urbano e sem a qual se sentiria incompleta, caso percorresse, hoje, essas mesmas ruas, esses mesmos lugares,¹² sem a memória de os ter já frequentado.

As narrativas vão dando conta de lugares de refúgio, passeios e encontros. São lugares que constituem um cenário de recordações. São como narrativas-ponte entre o antes e o agora expressando as tendências evolutivas do mundo atual em que a autora dá a ler as suas “estórias” não apenas como “ficções” mas também como *fantasmas* reveladores de «cada uma das virtualidades do seu ser» (Lejeune, 1975: 42). A rememoração de acontecimentos, nomes, lugares e atitudes são, assim, marcadores significativos e reveladores que permitem traçar a trajetória de um grupo, em particular, da sociedade insular. A perda de seres recordados abre um campo de significação onde o riso, o afecto, a dor partilhada, tudo o que é profundamente sentido pode representar o futuro das relações humanas na sua sobrevivência possível, na

¹²

Em *A Penteada ou o Fim do Caminho*, a voz narrativa relembra os ruídos do passado, o grito do boieiro, «o eco dum vento rebelde que me fustiga a saudade. Verifico que não sou eu quem ali está inteira, mas só metade de mim...» (Andrade, 2004: 19) ou, ainda, a «outra metade de mim sou eu olhando de agora todo esse esplendor, usando de modo menos efêmero novas capacidades de olhar» (*ib.*: 20).

procura incessante de, através da literatura, ver a vida que se nos escapa ser devolvida.

Neste sentido, Ralph-Rainier Wuthenow sublinhou que recordar é, de algum modo, inventar-se (Wuthenow, 1989: 39). A memória que resgata o passado nos textos da escritora madeirense, recupera os tempos de solidariedade, do reconhecimento e da entreajuda, permite não só questionar o presente, mas também se constitui como um instrumento da definição identitária. O desfiar de memórias na escrita poética e ficcional de Irene Lucília Andrade permite, pois, construir a memória e a identidade coletiva da ilha, e talvez sobretudo, entrever a perspetivação de uma outra cartografia possível: aberta, dialogante e inter-geracional.

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Irene Lucília: *Crónica Breve da Cidade Anónima – À Hora do Tordo Funchal: Funchal 500 anos*, 2008.
- ANDRADE, Irene Lucília: “Uma Nesga de Mundo”, in *Ilha 5*, José António Gonçalves (org.). Vila Nova de Gaia: 7 dias 6 noites, 2008: 29-38.
- ANDRADE, Irene Lucília: Entrevista no suplemento cultural “Kompleta”, *Notícias da Madeira*, Funchal [28 de Julho de 2005].
- ANDRADE, Irene Lucília: *A Penteada ou o Fim do Caminho*, Leiria: Editorial Diferença, 2004.
- ANDRADE, Irene Lucília: *Água de Mel e Manacá*. Porto: Campo das Letras, 2002.
- BERGSON, Henri: *Matière et Mémoire. Essai sur la relation du corps à l'esprit*, Paris: Puf, 1939.
- BUESCU, Helena Carvalhão: *Grande Angular. Comparatismos e práticas de comparação*. Lisboa: Fundação para a Ciência e para a Tecnologia, Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- COELHO, Leonor Martins [coord.]: *Margem 2 - Irene Lucília Andrade: uma voz na margem*, nº 26, Funchal, Câmara Municipal do Funchal/ Departamento de Cultura, 2009.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*, Paris: Seuil, 1975.
- MARTINS, Manuel Frias: “A escrita íntima de Irene Lucília Andrade”. *Margem 2 - Irene Lucília Andrade: uma voz na margem*, nº 26, Leonor Martins Coelho (coord.), Funchal: Câmara Municipal/ Departamento de Cultura, 2009: 94-100.
- MOUTINHO, José Vial: “São as coisas tais efeitos só do acaso”, in *Ilha 5*, José António Gonçalves (org.). Vila Nova de Gaia: 7 dias 6 noites, 2008: 137-146.
- RODRIGUES, Ernesto: “A leveza da Arte em Irene Lucília Andrade”. *Irene Lucília Andrade: uma voz na margem*, revista *Margem 2*, nº 26, Leonor Martins Coelho (coord.), Funchal: Câmara Municipal/ Departamento de Cultura, 2009: 101-104.
- SANTOS, Thierry: Texto-testemunho. *A Penteada ou o Fim do Caminho*, Leiria: Editorial Diferença, 2004: 214-215.

WUTHENOW, Ralph-Rainier: “Le passé composé”, in *Autobiographie et biographie*. Colloque Franco-Allemand de Heidelberg. Paris: A.-G. Niset, 1989.

